



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Taynara Nakayama**

**NA FRONTEIRA**  
*Histórias da intersecção Brasil-Bolívia nas cidades  
de Corumbá e Puerto Quijarro*

**RELATÓRIO TÉCNICO**  
*do Trabalho de Conclusão de Curso*  
**apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais***  
**ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo**  
**no segundo semestre de 2017**  
**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Daiane Bertasso Ribeiro**

**Florianópolis**  
**Novembro de 2017**

<b>FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC</b>			
<b>ANO</b>	2017		
<b>ALUNO</b>	Taynara Nakayama da Silva		
<b>TÍTULO</b>	NA FRONTEIRA – Histórias da intersecção Brasil-Bolívia nas cidades de Corumbá e Puerto Quijarro		
<b>ORIENTADOR</b>	Daiane Bertasso Ribeiro		
<b>MÍDIA</b>	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
		Rádio	
<b>CATEGORIA</b>		TV/Vídeo	
		Foto	
		Web site	
		Multimídia	
		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		Produto Jornalístico (inteiro)	<b>Local da apuração:</b>
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem livrorreportagem ( X )	( ) Florianópolis ( X ) Brasil ( ) Santa Catarina ( X ) Internacional ( ) Região Sul País: Bolívia
	<b>ÁREAS</b>	Jornalismo autoral, fronteiras internacionais.	
	<b>RESUMO</b>	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso é um livrorreportagem sobre a fronteira Brasil-Bolívia nas cidades de Corumbá e Puerto Quijarro. Guiada pela reportagem “<i>O continente visto de Corumbá</i>”, escrita pelo jornalista Claudio Bojunga em 1976, a apuração buscou personagens que fossem um pouco mais além do estereótipo de lugar de atividades ilícitas - forma como a fronteira é comumente retratada nos produtos jornalísticos. A linha divisória entre Corumbá e Puerto Quijarro é uma intersecção do conjunto formado por cada uma das duas cidades. Neles, há elementos que faltam no outro. Os elementos em comum estão na intersecção, lugar onde o Brasil e a Bolívia mais que se tocam, se cruzam. O livro conta histórias de personagens encontrados durante três semanas de observação desses conjuntos.</p>	

*“Yo no sé de dónde soy,  
Mi casa está en la frontera.  
Y las fronteras se mueven,  
Como las banderas”*

**Frontera - Jorge Drexler**

## AGRADECIMENTOS

Acredito que o jornalismo é feito por pessoas para pessoas. Assim, deixo aqui registrado meu obrigada a cada um(a) que cruzou meu caminho durante estes cinco anos incríveis de graduação.

Em especial, agradeço aos meus pais pela vida serena e confortável. Mas sobretudo, pelo incentivo para sair de casa em busca do que eu acreditava ser o melhor ensino de Jornalismo.

À Daiane Bertasso, professora-orientadora que acolheu meu projeto e diminuiu minha ansiedade de repórter inexperiente.

À Amanda, Carol, Preta, Leisi e Dener, família que o Jornalismo UFSC deu para mim. Levo vocês como as minhas melhores lembranças na graduação. Obrigada por serem meu lar, conforto, referência e alegria. Espero que a vida continue a unir nossos caminhos, mesmo que profissionalmente.

À Djalma Júnior. Editor atento, jornalista ético, veterano admirado e amigo querido.

À Lucas Weber, meu maior ouvinte e incentivador durante a produção deste livro, mas, acima de tudo, meu companheiro de vida.

À minha família por comemorar cada conquista da minha trajetória, acadêmica ou não.

Aos meus irmãos por compartilhar não só a genética comigo.

À Monique e Ana Carolina, colegas que o TCC me trouxe.

Ao curso de Jornalismo UFSC por ser, de fato, o que eu sonhava quando deixei Campo Grande.

À Universidade Federal de Santa Catarina pelo ensino público e por ser palco dos meus melhores anos vividos até aqui.

Aos fronteiriços, este livro é nosso.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um livrorreportagem sobre a fronteira Brasil-Bolívia nas cidades de Corumbá e Puerto Quijarro. Guiada pela reportagem “*O continente visto de Corumbá*”, escrita pelo jornalista Claudio Bojunga em 1976, a apuração buscou personagens que fossem um pouco mais além do estereótipo de lugar de atividades ilícitas - forma como a fronteira é comumente retratada nos produtos jornalísticos. A linha divisória entre Corumbá e Puerto Quijarro é uma intersecção do conjunto formado por cada uma das duas cidades. Neles, há elementos que faltam no outro. Os elementos em comum estão na intersecção, lugar onde o Brasil e a Bolívia mais que se tocam, se cruzam. O livro conta histórias de personagens encontrados durante três semanas de observação desses conjuntos.

**Palavras-chave:** Jornalismo autoral; Livrorreportagem; Fronteira Brasil-Bolívia; Corumbá; Puerto Quijarro.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>06</b>
<b>1.1 A fronteira nos meios jornalísticos .....</b>	<b>07</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>09</b>
<b>2.1 Do tema .....</b>	<b>09</b>
<b>2.2 Da mídia e do formato .....</b>	<b>10</b>
<b>3. PROCESSO DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Pré-apuração.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 Apuração.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2.1 Fontes .....</b>	<b>18</b>
<b>3.3 Redação .....</b>	<b>20</b>
<b>3.4 Edição e revisão .....</b>	<b>22</b>
<b>3.5 Fotos .....</b>	<b>23</b>
<b>3.6 Formato e diagramação .....</b>	<b>24</b>
<b>4. CUSTOS .....</b>	<b>26</b>
<b>5. DIFICULDADES E APRENDIZADOS .....</b>	<b>27</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>29</b>

## 1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

O Brasil possui 15.719 quilômetros fazendo fronteira com 10 países da América do Sul, segundo dados do Ministério de Integração Nacional (MI). Dos 15.719, 3200 quilômetros são compartilhados com a Bolívia – 20% do total. Ao longo dessa extensão, formaram-se seis cidades-gêmeas. Sobre o conceito de cidades-gêmeas, o MI define em publicação no Diário Oficial da União (24 de março de 2014, p.45):

Art. 1º Serão considerados cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações "condensadas" dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

Corumbá é a principal cidade-gêmea brasileira. Atualmente, classifica-se como entreposto comercial importante, local que recebe maior fluxo de imigrantes e porta de entrada turística mais dinâmica dessa fronteira. Segundo dados da Fundação de Turismo do Pantanal, entre janeiro e abril de 2016, 65.995 turistas passaram pelo Centro Internacional de Atendimento ao Turista (sede Fronteira), localizado ao lado da oficina de migração da Polícia Federal.

Do outro lado da conurbação, está o município boliviano de Puerto Quijarro. Quijarro é o contato interurbano mais próximo e frequente de Corumbá. Na condição de cidades-gêmeas, os moradores naturalizaram em seus hábitos o fluxo entre os dois locais. Brasileiros e bolivianos desenvolvem suas necessidades comerciais, educacionais, habitacionais e culturais em ambas as cidades. Dessa interação, nasceu uma cultura fronteiriça.

Puerto Quijarro é a entrada boliviana para a exportação brasileira. Ela e Corumbá estão no meio do corredor bioceânico, ligação entre o porto de Santos (Oceano Atlântico) com o porto de Arica, no Chile (Oceano Pacífico). As cidades também são cortadas pelo rio Paraguai, sendo, também, via fluvial de comércio.

Ambos países, demoraram a preocupar-se em desenvolver social e economicamente suas regiões de fronteira. A preocupação inicial era defender o território do avanço de exércitos inimigos. Puerto Quijarro precisou combater os ataques paraguaios na Guerra do Chaco.

A Guerra do Chaco foi a grande guerra nacional da Bolívia. Foi a conflagração em torno da qual estabeleceram-se os condicionantes em torno dos quais se bateria a Revolução Nacional boliviana. Para se ter uma ideia, basta dizer que os dois países perderam cerca de cem mil homens (dois a três por cento da população total de cada país) (Hughes, 2005:412). Foi a maior conflagração internacional no século XX na América do Sul. Nela, a Bolívia perdeu o Gran Chaco – porção que franqueava acesso à porção navegável do rio Paraguai – e, desta forma, perdeu uma saída também para o Atlântico (SEBBEN, 2010, p.52).

A fundação de Corumbá está interligada com a criação de um forte e uma aldeia para defender-se dos ataques espanhóis em 1778. Num contexto regional, o Oriente boliviano e o interior brasileiro, foram regiões com pouca conexão com os centros urbanos dos seus países antes do século XX. Apesar da posição estratégica de Corumbá e de sua importância para o Brasil, a cidade enfrenta um isolamento geográfico e político do resto do país, sendo lembrada mais por políticas de incentivo ao escoamento das mercadorias brasileiras pela fronteira com a Bolívia.

### **1.1 A fronteira nos meios jornalísticos**

A falta de interesse pela região também recaí sobre a produção jornalística. No dia da conclusão do livroreportagem proposto para este trabalho, 12 de novembro, em um dos principais portais de notícias de Corumbá, o Diário Corumbaense, sete das 10 primeiras notícias da editoria “Fronteira” eram relacionadas à atividades ilícitas na região. Esse é o principal motivo para a aparição das cidades-gêmeas nos noticiários locais e nacionais.

Em sua dissertação para o Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a jornalista Livia Gaertner estudou a comunicação impressa na fronteira Brasil-Bolívia. Parte da sua pesquisa fala da contribuição dos jornais corumbaenses para a formação de uma identidade fronteiriça. Para uma de suas hipóteses, chegou a conclusão que:

Quanto à hipótese primeira de que há uma tendência dos jornais locais de Corumbá a seguirem um discurso nacional, de que a fronteira é um lugar de permissividade a ilícitos e à criminalidade em geral, a metodologia adotada da Análise do Conteúdo mostrou-se eficiente em comprová-la. Afinal, registros negativos se sobressaíram em editorias de polícia, segurança, cidade. Outro dado que também se comportou com alto índice para registros de carga semântica negativa (e este nos surpreendeu) foi a seção editorial,



demonstrando que essa tendência vai além dos registros factuais de notícias de criminalidade e ações de segurança pública (GAERTNER, 2010, p.73).

Claudio Bojunga, repórter brasileiro, retratou Corumbá e a fronteira na reportagem *O continente visto de Corumbá*, produzida para o livro *Fronteiras: viagem ao Brasil desconhecido*. A obra foi feita em parceria com o jornalista Fernando Portela, que dividiu com Bojunga a tarefa de reportar, de norte a sul, as condições das fronteiras do interior brasileiro. O contato com essa reportagem mostra que textos de fôlego, resultados de apurações imersivas na realidade que se busca retratar, são mais justas e fiéis com lugares estigmatizados.

Sabendo que a conurbação entre o Brasil e a Bolívia, mais do que notícias sobre crimes, gera uma identidade cultural única e característica de regiões de fronteira, este livrorreportagem propõe-se a contar, a partir da observação da fronteira, histórias dessa região. De maneira a buscar contribuir com uma narrativa mais humanizada de um território retratado pejorativamente com frequência.

## 2. JUSTIFICATIVA

### 2.1 Do tema

Mudei-me para Florianópolis, especificamente, para cursar Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Antes disso, vivia em Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul. Nos meus primeiros meses na Ilha, percebi que boa parte dos meus colegas não conhecia nada sobre a região da minha cidade de origem.

Ao longo dos semestres cursados, conheci teorias do jornalismo e da comunicação. Fui instigada a refletir que boa parte dessa lacuna no conhecimento dos meus colegas, quando o assunto era meu estado, podia ser parcialmente justificado pela falta de conteúdos jornalísticos aprofundados sobre a realidade vivida por lá.

O Brasil é um país de dimensões continentais. Nem mesmo dentro de um estado as realidades são minimamente uniformes. Essas dimensões fazem com que o distanciamento não seja apenas geográfico, mas de conhecimento também. Apesar do estereótipo de região rural e distante do progresso dos grandes centros serem comumente uma brincadeira regionalista, estados como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Acre, etc. não têm informações bem constituídas no imaginário de muitos brasileiros.

Mesmo com a autonomia propiciada pela internet, os produtos jornalísticos ainda são contribuintes importantes para a formação de opinião e visão de mundo, orientação de comportamentos e determinação dos assuntos que estarão nas rodas de conversa.

O que a maior parte das pessoas sabe a respeito de muitos contextos possíveis de vida no mundo [...] não resulta da experiência direta, mas de seu contato com a mídia (MININI, 2008, p. 113).

Com essa problemática em mente, sempre que pensava em temas para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), via que, colocar em pauta meu estado de origem, seria uma boa forma de contribuir para uma discussão e fornecer informações jornalísticas sobre um tema poucas vezes abordado de maneira aprofundada. Além disso, acredito que, ao trazer para Santa Catarina uma realidade distante, estaria retribuindo o investimento do sistema público como aluna alóctone, deixando um pouco do Mato Grosso do Sul na UFSC.

Sabendo qual seria o assunto abordado, comecei a pensar na pauta.

No segundo semestre de 2015, realizei um intercâmbio no Peru e na Colômbia. Regressei para Campo Grande viajando por terra. Cheguei no Brasil pela fronteira Brasil-

Bolívia, cidades de Corumbá e Puerto Quijarro. Durante a viagem e o intercâmbio, me interessei por assuntos relacionado à América Latina. Percebi, nos três países, que viajantes e intercambistas de outros lugares latinoamericanos sentiam-se mais próximos entre si do que eu deles, apesar de também ser latinoamericana. Conclui que o Brasil havia desenvolvido-se de costas para o resto da América do Sul, como se a enorme fronteira que comparte com 10 dos 12 países do continente fosse, também, uma barreira.

Assim, decidi juntar os dois temas: Mato Grosso do Sul e América Latina.

Cheguei ao denominador comum fronteira Brasil-Bolívia, local que conheci voltando da viagem citada. Entre os trâmites na alfândega e na Polícia Federal, passei meio dia na região da fronteira. Dessas horas vividas ali, surgiu a ideia de pequenos perfis sobre as pessoas que, de alguma maneira, tinham suas vidas influenciadas pela linha limítrofe. Após uma pesquisa um pouco mais detalhada sobre a história de Corumbá e Puerto Quijarro, percebi que, ao contar os relatos dessas pessoas fronteiriças, poderia abordar temas relacionados com a região.

Acredito que as informações contidas nessas reportagens podem contribuir para desmistificar um pouco o que o resto do Brasil acredita que seja o local. Além disso, vejo que, dar espaço para histórias que o *hardnews* e as pautas das seis grandes empresas jornalísticas brasileiras pouco abordam, é uma forma de resgatar a função social que atribuem à minha futura profissão.

Durante uma aula de *Redação VII*, comentei com o professor Mauro César Silveira sobre a minha ideia de tema para o TCC. Ele me recomendou o livro *Fronteiras: viagem ao Brasil desconhecido*, escrito pelos jornalistas Claudio Bojunga e Fernando Portela. Nele, Claudio Bojunga escreve a reportagem “*O continente visto de Corumbá*”. A leitura do texto me possibilitou pensar em pautas e maneiras distintas que a cidade e a fronteira poderiam ser melhor representadas. Inspirada por esse trabalho, propus realizar um texto do livrorreportagem como uma releitura do relato de Bojunga, escrito em 1976.

## **2.2 Da mídia e do formato**

A mídia impressa é o suporte com o qual mais me identificava antes de entrar no curso de Jornalismo. Porém, durante minha graduação, tive uma aproximação muito grande com o formato do vídeo. Trabalhei por cerca de três anos em projetos de extensão e estágios na área. Quando cursei a disciplina *Jornal Laboratório*, percebi que havia me distanciado da forma com a qual eu acreditava que a informação poderia ser melhor aproveitada: a escrita.

Desde pequena fui incentivada, pela minha mãe, a ler. Antes de entrar na universidade, lia um livro por semana, sempre voltados para o universo infanto-juvenil. No Jornalismo da UFSC, conheci a categoria livrorreportagem, em um primeiro contato, com a obra *Abusado – o Dono do Morro Dona Marta* do jornalista Caco Barcellos. A partir daí, descobri que essa era a maneira com a qual eu mais gostava de informar: informação aprofundada, extensa, contextualizada e literária.

De repente descobri que existiam na literatura outras possibilidades além das racionalistas e muito acadêmicas que tinha conhecido até então nos manuais do colégio. (MÁRQUEZ, 1982, p.33).

Quando me propus a escrever um livrorreportagem como Trabalho de Conclusão de Curso, o fiz como um desafio. Sabia que minhas habilidades eram melhores no vídeo e, apesar de amar escrever, que nunca fui muito boa repórter de *hardnews*. Em nenhum momento após a escolha, tive certeza de que daria conta de escrever um livro. Mas acredito que o TCC é o desafio final na graduação. Por sorte, o curso de Jornalismo da UFSC nos incentiva a experimentar, afinal o nome da disciplina é *Projetos experimentais*. Resolvi, então, sair da minha zona de conforto da mídia vídeo e tentar algo que pratiquei pouquíssimas vezes durante minha trajetória como graduanda: reportagens escritas e de fôlego.

Optei pelo formato livrorreportagem pelo caráter autoral que ele permite.

Irreverente e rompedor de fórmulas e chavões em alguns casos, o livro-reportagem exerce função recicladora da prática jornalística, porque ousa incorporar contribuições conceituais e técnicas provenientes de áreas como a literatura e a história (LIMA, 1993, p.8).

Usei como inspiração as obras *Fama e Anonimato* do jornalista Gay Talese e *A vida que ninguém vê* da jornalista Eliane Brum. O livrorreportagem *Notícia de um sequestro* de Gabriel García Márquez também influenciou, pois estava lendo a obra durante a apuração. Quanto a metodologia usada para construir as narrativas, em sua maioria perfis, é baseada nas técnicas ensinadas nas disciplinas de *Redação V* (texto de revista), *Redação VI* (Teoria da narrativa e grande reportagem) e *Redação VII* (Romance e texto autoral) – mais especificamente, os ensinamentos dos professores Luiz Scotto, Daisi Vogel e Mauro Silveira.

Na apresentação do livro, deixo claro que o trabalho não tem pretensão de ser determinante ou esclarecedor. Acredito que o potencial do formato é o objetivo de retratar a fronteira baseada na minha experiência durante as três semanas de apuração, sem pensar em pautas ou personagens prontos. A ideia de que o livro é um relato do que aconteceu na vida da fronteira durante três semanas de setembro de 2017, de que é a minha versão da fronteira, é o

que dá o caráter experimental e original para o trabalho, características do livrorreportagem segundo Lima (1993, p.16).

A escolha do tema também justificou o formato. Entendo que a proposta de procurar personagens a partir da observação da fronteira é um fator muito imprevisível para formatos como documentário, que exigem uma preparação técnica maior. Repensando meus dias de apuração, a partir das experiências que tive durante a época em que me envolvi diretamente com videojornalismo, não consigo imaginar como fluiria uma entrevista em que eu precisasse abordar uma pessoa caminhando pela rua e, desse encontro, buscar uma narrativa visual para o seu depoimento.

Na medida em que certos temas importantes não têm nos veículos jornalísticos convencionais a guarida que merecem, na medida em que os profissionais mais criativos e inquietos sentem-se tolhidos no seu potencial, por causa do esquema rigidamente industrial com que se produz o jornalismo atual, a alternativa natural é a elaboração da grande reportagem na forma de livro (LIMA, 1993, p.12).

Dessa forma, a opção pela mídia impressa no formato livrorreportagem partiu da minha vontade de trabalhar com algo diferente do vídeo e do desafio de deixar de ser leitora e passar a escrever.

### 3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

#### 3.1 Pré-apuração

O processo de pré-apuração iniciou em janeiro de 2017 com a leitura do livro *Corumbá: O espaço da cidade através do tempo*. A leitura da obra foi importante para compreender a geografia e o contexto social da cidade. Em agosto do mesmo ano, iniciei o planejamento da viagem, programada para a primeira semana de setembro. Como meu livro seria construído e pautado pela história de pessoas desconhecidas, moradores dessa fronteira, não realizei nenhum agendamento prévio de entrevista ou contato com possíveis fontes. Esse processo de pré-apuração foi muito inquietante, pois sentia que não estava realizando produção de pauta (pesquisa de fontes, contato, etc).

Passei a buscar relatórios, no *Repositório de TCCs* da UFSC, de ex-alunos do curso que produziram livros-reportagens para saber como foi a produção. A leitura da experiência deles me preparou para aceitar que a apuração teria muitas surpresas e fuga ao planejamento das atividades que propus.

Ainda incomodada com a descoberta de que meu trabalho estava nas mãos de pessoas que eu não fazia ideia se de fato existiam naquela fronteira, li e reli a reportagem escrita pelo jornalista Claudio Bojunga para o livro *Fronteiras: viagem ao Brasil desconhecido*. Fiz anotações de possíveis pautas que pudessem ser apuradas caso algo desse errado.

Uma semana antes de viajar, entrei em contato com um jornalista de Campo Grande que trabalhou por alguns meses em Corumbá. Ele me passou o contato de alguns jornalistas da cidade. No final, não cheguei a conversar com nenhum deles. Apenas utilizei, como bibliografia, a tese de mestrado da jornalista Lívia Gaertner, que estudou a comunicação impressa na fronteira Brasil-Bolívia.

Nesse mês, também pesquisei mais sobre a história das duas cidades e realizei um monitoramento dos veículos de comunicação de Corumbá e Puerto Quijarro. Além disso, solicitei sugestões de livros-reportagens à professora-orientadora que me enviou uma lista compilada pela professora Terezinha da Silva.

#### 3.2 Apuração

O processo de apuração durou de 11 de setembro a 28 de setembro de 2017. Após esse período, realizei pequenas pesquisas durante a escrita do texto para confirmar e checar dados.

Hospedei-me em um *hostel* no Centro de Corumbá. O dono do local foi meu primeiro guia turístico. Corumbaense apaixonado pela cidade, ele me sugeriu locais tradicionais, como a feira de domingo, e me deu algumas impressões pessoais sobre a fronteira. A escolha por ficar em um *hostel* acabou sendo benéfica para a apuração, pois tive contato com muitos turistas e moradores locais que trabalhavam ali.

Foi lá que conheci Geremias, personagem do último texto do capítulo “Pessoas de fronteira”. Ele hospedou-se durante toda a minha apuração. Convivemos intensamente. Logo nos primeiros dias, me levou para conhecer o hospital Príncipe de Paz onde trabalha. A princípio, pensei que poderia ser uma pauta sobre a situação dos serviços de saúde nos dois países. Porém, ao longo da minha estadia, Geremias foi confidenciando-me detalhes da sua vida. Já no segundo dia, contou dos seus anos trabalhando como médico ilegal. Ele sabia, desde o começo, qual era meu trabalho e da minha intenção de escrever uma reportagem a partir da sua história. Em todas as conversas, deixei claro que deveria me avisar previamente dos detalhes que não gostaria que fossem expostos. Ele solicitou apenas que eu alterasse seu nome e não citasse as cidades onde trabalhou.

Por muito tempo, não soube se essa história entraria ou não no livro. Passei por alguns dilemas éticos, pessoais e profissionais, durante as nossas conversas. Impressionava-me a vontade e animação que ele demonstrava com a possibilidade de eu escrever um texto sobre sua história, mesmo tendo consciência de que o exercício ilegal da medicina é um crime. Outro fator que pesava era saber que, muitos dos relatos, não eram totalmente fidedignos ou estavam minimizados. Sabia disso, porque, no *hostel*, também estava hospedada sua namorada, que me explicava detalhes da personalidade de Geremias, dando uma outra versão dos fatos.

Também precisei lidar com o fator da convivência. Como disse anteriormente, foi uma experiência intensa. Por muitas vezes, observei em Geremias posturas políticas e condutas das quais discordo, como o machismo presenciado por mim na maneira como ele tratava sua companheira. Às vezes, no final de um dia de apuração, chegava ao *hostel* e escutava dele comentários preconceituosos sobre a Bolívia. Sabia que, parte das suas reclamações sobre o país, eram reais. Em alguns momentos, isso me fez questionar se a visão que eu tinha de fronteira e dessa ligação entre bolivianos e brasileiros, não era muito idealizada, forçada.

No antepenúltimo dia da minha apuração, combinei com ele de fazermos uma entrevista oficial. Até ali, só havíamos conversado formalmente uma vez. As outras conversas foram no dia a dia da convivência no *hostel*. A entrevista durou três horas. Fora isso, possuo registros das vezes em que acompanhei Geremias em seu trabalho como *provinciano* do

hospital Príncipe de Paz. Um dos cenários do texto dele é a viagem de ambulância até Santa Cruz de La Sierra. Presenciei todas as cenas, porque, a convite dele, acompanhei-o no deslocamento.

Na primeira semana, adotei a técnica do *flaneur*, aprendida durante as aulas de Redação VII com o professor Mauro César Silveira. Caminhava pelo lado brasileiro e boliviano fazendo observações da dinâmica local e conhecendo as pessoas que estavam por ali. Com exceção do personagem Jeremias, todos os outros que aparecem ao longo do livro foram conhecidos *flanando* pelas duas cidades. Algumas vezes, eles me abordavam, como nas situações em que falei com pessoas à espera de ônibus em algum ponto. Em outras, eu iniciava uma conversa. Com esses personagens, apresentava-me como jornalista logo depois de ter estabelecido uma proximidade. Só então, explicava meu trabalho e perguntava se eles poderiam conceder alguma entrevista. Por serem pessoas que estavam passando pelos locais, a caminho de algum outro lugar, normalmente, eu, já realizava as perguntas e fazia a gravação da conversa.

Andei muito por toda a região central de Corumbá, buscando fazer uma atualização das observações descritas por Cláudio Bojunga em sua reportagem sobre a cidade. Tive a sorte de poder presenciar o aniversário do município, 21 de setembro. Nessa ocasião, vi os costumes festivos corumbaenses e a presença boliviana nas atividades cívicas da comemoração.

Já no primeiro dia, conheci João, personagem da retranca “Saltenharia do João”, do segundo texto do capítulo “Cidades de Fronteira”. Depois desse encontro, voltei algumas vezes para conversar com ele. Sua lanchonete era meu ponto de descanso e lugar estratégico para observar o fluxo comercial do local, pois estava justamente no meio da *ruta*. Foi dali que fiz a maior parte das observações sobre o lado boliviano da fronteira. João também me deu muitos pontos de vista sobre questões da região. Alguns, decidi desconsiderar por avaliar que ele, por ser brasileiro filho mãe boliviana, poderia ter um olhar estrangeiro sobre o local. João e o cambista que trabalha ao lado da sua lanchonete foram meus primeiros personagens.

Como escolhi ficar em um *hostel*, a cada dia, precisava pegar um ônibus para deslocar-me até a fronteira. Isso resultou em uma série de possíveis pautas e observações, pois, em cada trajeto, conhecia pessoas nas paradas do coletivo. Seguindo a sugestão da minha orientadora, me abri para as conversas de ponto de ônibus. Em uma delas, conheci Antônio, personagem do segundo texto do capítulo “Fronteira rural”. Foi através dele que descobri a existência dos assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária



(INCRA). Também foi ele quem me apresentou para a família dona do carrinho de caldo de cana, um dos cenários do segundo texto do capítulo “Fronteira Rural”.

Antônio contou parte da sua vida durante a viagem de ônibus. Como ainda queria relatar outras histórias, me convidou para acompanhá-lo enquanto bebia um caldo de cana. Depois que ele foi embora, iniciei uma conversa com Claudineia, a dona do carrinho. Após esse dia, sempre que passava por lá, à caminho da fronteira, parava para conversar um pouco mais com ela.

Também conheci Kiara, personagem do primeiro texto do capítulo “Pessoas de fronteira” em um ponto de ônibus. Esperamos juntas pela linha 102 no ponto que fica na fronteira. Quando ela subiu ao ônibus, uma senhora fez a pergunta que eu relato no primeiro parágrafo do capítulo. Fiquei curiosa e resolvi sentar no banco da frente ao que Kiara escolheu. Precisei tomar um pouco de coragem para admitir que havia escutado a conversa dela com a senhora. Como o percurso era curto até o *hostel*, pedi seu número de celular e combinamos uma entrevista que nunca aconteceu. Por muita sorte, em meu antepenúltimo dia de apuração, encontrei novamente com Kiara no ponto de ônibus da fronteira. Descemos juntas em uma das praças centrais de Corumbá e realizamos ali mesmo a entrevista. A conversa durou duas horas. Depois disso, caminhamos pelo Centro para chegar até o porto geral, onde nossa entrevista terminou.

Iniciei a segunda semana fazendo uma relação das pautas que tinha até ali. Percebi que algumas precisavam ser melhor apuradas. Voltei algumas vezes nos locais por onde passei para anotar algo que havia escapado. Também retornei à saltenharia do João para fazer mais algumas perguntas. Entretanto, dediquei essa semana para conhecer melhor o porto geral de Corumbá. Visitei alguns museus e tive algumas conversas com Dona Lu e Seu Zé, o casal proprietário da chalana “Zé Leôncio” citada no primeiro texto do capítulo “Cidades de Fronteira”. Também foi nesse período que realizei as duas únicas entrevistas agendadas.

No período da pré-apuração, descobri o Instituto Moinho Cultural. O projeto trabalha com crianças e adolescentes de baixa renda no contraturno da escola. Tem como base a música clássica e o *ballet*. Seus alunos são brasileiros e bolivianos. O Instituto fica no porto de Corumbá. Em um dia pela manhã, caminhando pela região, resolvi entrar nas dependências do projeto – ele funciona em uma antiga fábrica das farinhas Dona Benta. Conversei com a jornalista que faz a assessoria do Instituto e ela me recomendou que voltasse durante a tarde, quando a idealizadora do projeto estaria ali para me atender.

Apesar de não ter feito parte da narrativa do texto, a entrevista com a idealizadora, Marcia Rolon, foi necessária para compreender a dinâmica da relação entre crianças

brasileiras e bolivianas. Ela me explicou melhor sobre a presença de bolivianos no projeto e nas escolas de Corumbá. Por fim, sugeriu que eu conversasse com seu marido, Angelo Rabelo.

Agendei uma entrevista com ele na segunda-feira seguinte, com o objetivo de entender melhor a reforma do porto geral. Angelo Rabelo trabalha hoje com a organização da sociedade civil Instituto Homem Pantaneiro na conservação do bioma Pantanal e da cultura local. O Instituto teve participação importante durante o projeto Monumenta, que revitalizou o porto geral de Corumbá. Na nossa conversa, ele me explicou o processo de reforma do porto.

Na segunda semana, também acompanhei a montagem da feira de domingo, descrita no segundo texto do capítulo “Cidades de Fronteira”. Havia visitado a feira no final de semana anterior e conversado com alguns trabalhadores. Percebi que, ali, provavelmente, conseguiria falar melhor com os comerciantes bolivianos. Em Puerto Quijarro, eles não estavam muito abertos para entrevistas.

Antes disso, no dia do aniversário de Corumbá, conversei com o presidente da Associação Dois de Maio que organiza a feira. Na ocasião, os feirantes estavam participando do desfile em homenagem à cidade. Esperei que acabasse o ato e abordei o grupo perguntado pelo responsável pela associação. O senhor Lucídio Morel se identificou e informou que a montagem da feira começava perto das três horas da manhã. Foi ele quem, no domingo, me apresentou à feirante Adela.

Teoricamente, meu último dia de apuração seria 26 de setembro. Depois disso, pegaria um ônibus até Campo Grande. Entretanto, no dia 26, resolvi passar na lanchonete azul que fica logo após o carrinho de caldo de cana de Claudineia. Ali, conheci Edileuza, a boliviana moradora do Carmo da Fronteira. Foi através dela que fiquei sabendo da festa que Maria Ribeiro organizaria, no dia seguinte, para Cosme e Damião. Expliquei meu trabalho para Edileuza, que me convidou para participar da celebração. Fiquei empolgada com a possibilidade de, finalmente, conhecer a estrada do Jacadigo, via que leva para os assentamentos do INCRA e do Carmo da Fronteira. Antes disso, os outros personagens moradores dessa região me desencorajaram da ideia de conhecer a estrada por julgarem ser um local pouco movimentado.

Decidi estender por mais um dia a apuração e participar da festa realizada por Maria. Combinei com um taxista uma corrida até o Carmo da Fronteira. Pedi que me esperasse por ali. O ônibus que chega até lá possui apenas três horários e nenhum deles me convinha. Solicitei para Edileuza avisar Maria de que iria participar da festa. Fui muito bem recepcionada por ela e sua família. Considero que ter presenciado a comemoração foi um dos

pontos altos da minha apuração. Consegui viver a mistura entre o Brasil e a Bolívia e entender que, de fato, havia uma intersecção ali. Infelizmente, não consegui realizar entrevistas mais aprofundadas com os moradores. Avalio que essa pauta poderia desdobrar-se em muitas outras.

No projeto realizado para a disciplina de *Técnicas em Projetos de Comunicação*, havia previsto fazer a transcrição das entrevistas logo que retornasse ao *hostel*. Porém, as caminhadas e conversas demandaram de mim muita energia física e psicológica. Acabava retornando e fazendo alguma outra coisa para me distrair. Escolhi manter um diário de viagem para registrar as atividades do dia. No final, ele foi muito útil para relembrar sensações e a ordem cronológica dos acontecimentos.

Durante as entrevistas, busquei não interferir nas falas do entrevistado, deixando que eles escolhessem o rumo da conversa. Lembro que em nossa última reunião antes da viagem, a professora-orientadora falou da técnica de entrevista utilizada por Eliane Brum. Ela me recomendou o documentário *Laerte*, realizado pela jornalista. Nele, pode-se perceber que na maior parte do tempo em que Eliane aparece, ela está quieta, fazendo interrupções pontuais para provocar o entrevistado, quase como uma psicóloga.

A escolha por não entrevistar fontes oficiais foi por acreditar que o relato das pessoas “anônimas” é que fornece um caráter mais verdadeiro para o texto. Os dados utilizados no livro foram pesquisados, em sua maioria, nas dissertações do Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS.

Optei pelo uso de um gravador durante as entrevistas. Assim, me senti livre para fazer anotações sobre gestos, expressões e descrições físicas do entrevistados. Também utilizei o registro escrito para as observações que eu fazia sobre as cidades. As entrevistas com bolivianos foram realizadas no idioma espanhol.

### 3.2.1 Fontes

**Claudio Bojunga** – Jornalista brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro em 1939. Biógrafo, é autor do livro *JK: o artista do impossível*. Trabalhou no *Jornal do Brasil*, na revista *Veja* e na *TVE*. Junto com o jornalista Fernando Portela, escreveu o livro *Fronteiras: viagem ao Brasil desconhecido*. A ideia era percorrer todas as fronteiras brasileiras, produzindo reportagens sobre as cidades mais importantes. Claudio Bojunga foi o responsável pelo texto sobre Corumbá, referenciado neste trabalho.

**Dona Lu e Seu Zé** – Casal proprietário de uma das embarcações turísticas do porto geral de Corumbá. Conversava com eles sempre passava pelo porto. Foram eles que me explicaram melhor a configuração atual do turismo na cidade.

**João Rene** – Brasileiro, dono de uma saltenharia em Puerto Quijarro. Entrevistei em diversas oportunidades. Contribuiu com explicações sobre o funcionamento de Puerto Quijarro, atividades cambiais e comerciais.

**Lucidio Morel** – Presidente da Associação Dois de Maio de feirantes de Corumbá. Cedeu informações sobre a estrutura da feira.

**Adela** – Feirante boliviana de Puerto Quijarro. Trabalha nas feiras organizadas pela Associação Dois de Maio.

**Fernando** – Comerciante brasileiro que possui um restaurante em Puerto Quijarro. Não aparece no texto, mas as informações concedidas em uma entrevista foram utilizadas para falar sobre o comércio.

**Johny\*** – Taxista boliviano. Explicou sobre a questão dos táxis na fronteira.

**Maria Ribeiro** – Boliviana, personagem do texto “Cosme e Damião abençoam a fronteira”.

**Nelson** – Esteve na festa realizada na casa de Maria. Na ocasião, explicou a organização da comunidade.

**Antônio** – Morador do assentamento Tamarineiro II e personagem do texto “Primeiro ou último pedaço do Brasil”.

**Claudinéia** – Empreendedora e moradora do assentamento Tamarineiro I.

**Edileuza** – Comerciante boliviana e moradora do Carmo da Fronteira. Durante sua entrevista, contou sobre a celebração de Cosme e Damião na casa de Maria.

**Kiara Michel Cuellar Justiniano** – Boliviana, personagem do texto “Miss Kiara”.

**Geremias\*** – Brasileiro, estudante de medicina. Personagem do texto “Dr. Geremias”.

\*Fontes que solicitaram mudança de nome

### 3.3 Redação

Antes de iniciar a redação dos textos realizei a transcrição das entrevistas. O processo de escrita teve início no dia 14 de outubro e foi finalizado no dia 05 de novembro. Considero que o período foi longo, porém a redação foi rápida. Normalmente, iniciava a escrita de um texto pela manhã e terminava na manhã seguinte. Lembro de ler em um prefácio de um livro de Ernest Hemingway que o escritor só ia dormir depois de saber como continuaria a escrita no dia seguinte. Adotei a técnica e funcionou, não tive bloqueios criativos durante a redação dos textos. Senti mais dificuldades em iniciar.

Como estava com outras atividades acadêmicas concomitantes, o processo não foi contínuo, exigindo mais semanas do que eu esperava – no cronograma apresentado no projeto da disciplina *Técnicas de Projeto em Comunicação*, o último dia de outubro era o prazo para a versão final dos textos.

Sempre tive dificuldades em escrever na ordem cronológica. Ainda assim, tentei iniciar a escrita pela releitura da reportagem de Claudio Bojunga, pois sabia que seria o conteúdo inicial do livro. Mas não consegui. Resolvi não insistir e comecei a escrever o texto sobre a festa de Cosme e Damião. O conteúdo ainda estava fresco na minha cabeça, porque havia sido o último dia de apuração. Optei por iniciar o texto com uma narrativa do dia em que a personagem Maria foi levar seu filho para ser benzido por um curandeiro. Considero que a apuração dos detalhes desse dia na vida de Maria é o ponto forte deste texto. Inicialmente, havia escrito ele com verbos no presente. Mas após a revisão feita pelo jornalista Djalma Junior, que comentou comigo que havia sido confuso para ele sair de uma narrativa no presente e entrar em outra narrativa no presente (fazia referência a retranca que encerra o *flashback* e volta para o dia da celebração de Cosme e Damião), resolvi alterar os verbos para o passado. A estrutura do resto do texto intercala cenas da celebração na casa de Maria com informações “duras” sobre o que está sendo descrito.

Em seguida, escrevi o perfil “Miss Kiara”. Nas minhas conversas com Kiara, chamou minha atenção a maneira como ela se portava e falava. Não era afetada, nem forçada. Não

buscava reproduzir personagem, mas ainda assim, deixava em mim alguma referência que eu não soube decifrar na hora. Quando escrevi a primeira frase do texto (“Kiara fez de Corumbá e Puerto Quijarro as cidades do seu reinado”), percebi que essa impressão era a de que ela tinha trejeitos naturais que faziam recordar à realeza. Resolvi estruturar o texto baseado nisso. Em outra observação feita por Djalma Júnior, percebi que, talvez, estivesse usando essa referência como uma “muleta” para dar coesão à narrativa.

Nessa parte do processo de escrita, já sabia bem como os capítulos estariam divididos e onde entraria cada texto. Assim, resolvi me forçar a fechar um capítulo antes de iniciar outro. Terminei o segundo capítulo “Fronteira rural” escrevendo o último texto “Primeiro ou último pedaço do Brasil”.

Depois, escrevi o perfil “Dr. Geremias”, fechando o último capítulo “Pessoas de fronteira”. Apesar do dilema ético citado acima, não tive dificuldades para escrever o texto. Sabia que a viagem de ambulância seria o fio condutor da narrativa e que faria entradas e saídas nesse cenário para contar, cronologicamente, a vida do personagem. Facilitou o fato de eu ter feito a entrevista na sucessão temporal dos acontecimentos.

Iniciei a escrita do primeiro capítulo e creio que o motivo para eu ter postergado tanto foi a falta de personagens que conduzissem a narrativa. Para os dois textos desse capítulo imaginei que me inspiraria no estilo utilizado por João do Rio – referência brasileira do *flâneur*, apresentada pelo Professor Mauro de Oliveira na disciplina de *Redação VII*. Tive dificuldades para seguir as características, principalmente a descrição por meio da observação de cenas.

Terminei a reportagem “A fronteira vista de Corumbá” e não me animei em escrever o texto final do capítulo. Assim, iniciei a estrutura da apresentação do livro.

Logo no início do meu processo de escrita, a professora Daiane propôs uma orientação conjunta com outras duas orientandas suas, que também estavam fazendo livros-reportagens como trabalho de conclusão. Na conversa, uma delas, Ana Carolina Prieto, comentou que seu tema era a intersecção de um outro tema. Fiquei com a palavra “intersecção” na cabeça. Parei para analisar a ideia de fronteira que eu tinha e percebi que o termo se encaixava. A partir disso, usei uma analogia simplória da Teoria dos Conjuntos da matemática na apresentação do livro.

Por fim, escrevi o texto final do capítulo um. Acho que o distanciamento que tive enquanto escrevia o texto de apresentação foi fundamental. Acredito que esse texto, “Nas calçadas de Puerto Quijarro”, possui as melhores descrições que eu consegui escrever no livro.

Durante todo o processo de escrita, busquei não dar um tom oficial ao texto, evitando ao máximo a presença de fontes oficiais. Acredito que o começo para uma retratação mais fidedigna de uma realidade inicia com as impressões e histórias das pessoas anônimas que vivem ali, apesar de serem traduzidas visualmente e narrativamente por mim.

### 3.4 Edição e revisão

Conforme terminava a redação de um texto, enviava para a professora-orientadora, Daiane Bertasso, que realizava a correção e pequenas sugestões de alteração na estrutura. Nos reunimos duas vezes durante esse processo. Nas conversas, ela sempre foi incentivadora da minha produção, apoio muito apreciado por mim. Quando terminei a redação de todos os capítulos, compartilhei via *Google Drive* o conteúdo com alguns colegas. A revisão cuidadosa foi feita por Monique Souza e o jornalista Djalma Júnior, amigos com olhares preciosos.

Eu e Djalma Júnior ficamos responsáveis pela edição. Djalma foi o primeiro a me dar um *feedback* geral sobre meu estilo de escrita. Suas sugestões e questionamentos foram fundamentais para que eu pudesse entender como, em um primeiro momento, o leitor receberia meu texto.

Lembro de escrever no projeto realizado para a disciplina de *Técnicas de Projeto em Comunicação* que imaginava a estrutura do meu trabalho semelhante à da obra *Fama e Anonimato* do jornalista Gay Talese. Seu livro é uma série de perfis relacionados à Nova Iorque e sua apuração é dividida em capítulos de acordo com a experiência que ele tem na cidade. Optei por tentar fazer algo semelhante e editei os capítulos de acordo com a experiência que tive durante a viagem.

Vejo a apuração dividida em três aspectos muito fortes para mim: conhecer as duas cidades, o contato com as pessoas com as quais me relacionei e a descoberta dos assentamentos e comunidades rurais no limite dos dois países. Dessa forma, nasceu a ideia de dividir a fronteira em cidades, área rural e pessoas – respectivamente os capítulos Cidades de fronteira, Fronteira rural e Pessoas de fronteira. Como ressaltado na introdução do livro, todos os relatos que estão ali são a minha experiência e a forma como a fronteira se apresentou para mim. A edição dos títulos dos textos e capítulos também ficou sob minha responsabilidade.

O nome do livro é referência ao fato de que as histórias se desenrolam nas duas cidades de fronteira. O subtítulo, mais longo, explica o assunto geral.

Optei por usar itálico nas palavras estrangeiras e em nomes de obras. Nos textos, faço uso de travessão e aspas para indicar fala. A diferença está no uso de travessão para diálogos que eu presenciei e aspas para falas proferidas para mim durante entrevistas.

Apenas depois das sugestões de revisão e edição, alterei a primeira versão dos textos e iniciei a diagramação do miolo do livro.

### 3.5 Fotos

Durante a viagem, optei por levar meu equipamento fotográfico para fazer registro de algumas pautas. As fotos tiradas durante a viagem foram publicadas em uma conta no *Instagram*, rede social baseada em imagens, criada especialmente para o livro. Após perceber que elas não entrariam no projeto gráfico do livro, passei a buscar soluções para que o material não fosse perdido.

Ainda na fase de pré-apuração pensava em utilizar o recurso de *QR Codes* no final de cada capítulo, redirecionando para materiais multimídias que eu pensava que conseguiria produzir em tempo hábil. Durante a apuração e produção, esqueci da ideia, lembrando apenas quando precisei pensar no que faria com as fotos registradas. Assim, pensei na solução de criar um *QR Code* que direcionasse o leitor para as imagens publicadas no *Instagram*. Acredito que, por ser usuária dessas tecnologias e ter feito a graduação em uma época de grande apelo para a produção jornalística voltada para o meio digital, foi natural a opção pela rede social e utilização do código. Em cada foto publicada no *Instagram* está descrito na legenda o capítulo ao qual ela faz referência.

As únicas fotos em preto e branco foram registradas com uma câmera de filme, modelo *N80* da marca *Nikon*. Escolhi utilizar os dois filmes (ISO 400) que possuía na pauta sobre a festa de São Cosme e Damião na comunidade Carmo da Fronteira. Esse foi meu último dia de apuração. Antes disso, julgava que nenhuma outra pauta poderia se enquadrar na utilização do recurso de filme. Os negativos foram revelados no laboratório de fotografia do curso de Jornalismo. O filme e a câmera também foram empréstimos do laboratório.

A proposta de levar esse tipo de equipamento para a viagem surgiu durante a disciplina *Foto com Suporte em Filme*, cursada neste semestre e ministrada pelo professor Fernando Crocomo. Foi dele a ideia, o incentivo e a animação para levar esse tipo de equipamento para a minha viagem. Gostaria de agradecer ao professor pelos ensinamentos, pelas aulas extremamente agradáveis em meio à produção deste trabalho e pela experiência



propiciada, fundamental para compreender a prática do jornalismo desenvolvidas há alguns anos.

### 3.6 Formato e diagramação

O formato escolhido foi o A5 (15 x 21cm) pela convencionalidade do tamanho – praticidade para carregar e manusear. As margens externas, superiores e inferiores possuem 1,2cm de espaçamento. As internas, 2,2cm para não correr o risco do texto ficar muito próximo da lombada após a encadernação. O papel utilizado na capa foi o *couché*, gramatura 250mg, única opção dada pela gráfica. Para o miolo, escolhi o papel *pólen* pela tonalidade levemente amarelada das páginas e como alternativa ao cansaço que a cor branca causa aos olhos quando a luz é refletida nela. Acredito que isso possa deixar a leitura mais agradável. Estou acostumada a ver o acabamento liso, levemente acetinado, nas folhas das publicações às quais tenho acesso. Decidi, então, pelo acabamento áspero do miolo, por curiosidade de como seria a experiência do leitor. Penso que a textura áspera poderá dar mais firmeza ao manuseio das páginas e a estrutura física do produto, além de ser melhor para fazer anotações diretamente no livro.

A gráfica Postmix foi responsável pela impressão. Cada exemplar custou R\$27,00, totalizando R\$108,00 (4 exemplares). Apenas a capa foi impressa em versão colorida, o restante, é totalmente preto e branco.

A ilustração da capa foi produzida no programa CorelDRAW, versão 2017. Como priorizei o orçamento do trabalho para custear a viagem, decidi me aventurar em criar e executar o desenho. Nunca havia tido o contato com o *software* utilizado. Acredito que, por ser uma proposta relativamente simples de ser realizada, não tive dificuldades no manuseio. Comecei a esboçar algumas versões no dia 31 de outubro e fechei a versão final no dia três de novembro.

A minha primeira ideia era que os traçados de cada país, Bolívia e Brasil, se cruzassem, formando a intersecção citada no subtítulo do livro. Por falta de destreza e conhecimento, foi muito complicado desenhar as linhas à mão. Cheguei à proposta da ilustração final lembrando das minhas caminhadas diárias pela fronteira. O monolito – construção de concreto que costuma marcar o início de algum território – desenhado na capa fica nos primeiros metros da Bolívia. Como acredito que a fronteira liga muito mais do que separa, desenhei uma linha, simbolizando as margens cartográficas de um país. Ela chega até o monolito do Brasil, na contracapa, conectando os dois países.

A cor do fundo, levemente terrosa, foi escolhida como alusão à cor do asfalto empoeirado da fronteira. Com a arte finalizada, importei o arquivo no formato *png* para o programa *Adobe Indesign* e terminei a diagramação da capa. A escolha por orelhas foi pensando na estrutura física do livro. Acredito que elas dão mais rigidez à capa e contracapa. Sabendo que o papel utilizado pela gráfica não seria o cartão, decidi por adicionar orelhas ao projeto. Gostaria que elas fossem pouco mais que a metade da largura da capa e contracapa, dando ainda mais firmeza, porém a gráfica não dispunha de um papel com as dimensões necessárias.

O projeto gráfico também é de minha autoria, tendo sido utilizado o programa utilizado *Adobe Indesign*, versão 2015, para a execução. A diagramação iniciou no dia cinco de novembro e terminou no dia 11 do mesmo mês. A fonte escolhida para o corpo e o título das reportagens foi a *Minion Pro* na versão regular. Escolhi um sumário com divisão em capítulos e subdivisões em reportagens. O uso de notas de rodapé não estava previsto. Entretanto, meu revisor e editor, Djalma Júnior, levantou algumas dúvidas de conceitos e termos durante sua leitura. Para não atrapalhar o fluxo do texto, fiz a inserção das notas.

Apesar de ter realizado registro fotojornalístico, decidi não colocá-las no miolo do livro. A decisão foi editorial e gráfica. Não gostei das páginas que diamei com as fotos e não queria me limitar na quantidade que seria utilizada em cada capítulo. Porém, o fator determinante foi o orçamento. Gostaria que as fotos fossem impressas coloridas, o que aumentaria muito o valor final dos gastos com a gráfica. Assim, optei por diagramar o miolo apenas com os textos.

Mais uma vez, a opção por não contratar um responsável pela diagramação foi por questões de orçamento. Além disso, como relatado no projeto realizado para a disciplina de *Técnicas de Projeto em Comunicação*, acredito que, diagramar meu próprio livro, seria uma forma de colocar em prática os ensinamentos gráficos aprendidos em disciplinas do curso. Tenho interesse pela área e julgo que desenvolvi poucos trabalhos afins durante meus anos de graduação. Gostaria de ter me planejado melhor para dedicar mais tempo à execução do projeto gráfico. Opto por não ser avaliada neste quesito.

#### 4. CUSTOS

O orçamento total foi de R\$ 9.788,00 de recursos próprios.

Descrição	Valor
Passagens Florianópolis - Campo Grande	R\$ 600,00
Passagens Campo Grande - Corumbá	R\$ 230,00
Alimentação e deslocamento	R\$ 400,00
Hospedagem	R\$ 350,00
Impressão de 4 exemplares	R\$ 108,00
<b>Total</b>	<b>R\$ 1.688,00</b>

Equipamentos	Valor
Notebook Dell Inspiron 14	R\$ 4000,00
Câmera Canon T5i	R\$ 2700,00
Lentes Canon 50mm e 10-18mm	R\$ 1400,00
Gravador Sony	Empréstimo
Câmera Nikon N80 e lente 50mm	Empréstimo
<b>Total</b>	<b>R\$ 8.100,00</b>

## 5. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Percebi, apenas na fase da pré-apuração, que o principal desafio deste trabalho seria a imprevisibilidade das fontes. Me propus a retratar o contexto de fronteira a partir da história de vida de pessoas comuns, anônimas. Obviamente não teria o *WhatsApp* ou contato do *Facebook* para agendar entrevistas previamente. Sem perceber, coloquei meu livro nas mãos de pessoas que eu nem mesmo sabia se existiam.

Precisei aprender a conviver com a ansiedade e a esquecer a vergonha de abordar pessoas na rua. Entendi, na prática, o que o jornalista Ricardo Kotscho queria dizer sobre repórter precisar estar na rua, gastando sola de sapato. Na maioria das vezes, o medo da entrevista era meu, e não do entrevistado. Como disse a professora Daisi Vogel em uma aula: “Se vocês perguntarem, o entrevistado responde”. Aprendi a controlar a ansiedade, inerente à minha geração, e a posicionar-me como repórter.

Durante a pré-apuração e apuração, também tive dificuldades de vislumbrar o tema do livro. Acredito que a proposta era muito aberta por não possuir pautas concretas ou angulação.

Outra dificuldade enfrentada foi a de entrevistar e tirar fotos ao mesmo tempo. Acho extremamente problemático, para o fluxo da entrevista, estar com uma câmera na mão pensando em enquadramentos e, ao mesmo tempo, escutar a pessoa que fala. Assim, optei por priorizar a entrevista. Sei que, hoje em dia, a demanda por profissionais “multitarefa” é crescente. Penso que, dela, virá um empobrecimento muito grande da qualidade da informação.

Em algumas situações, senti um incômodo grande por ser uma repórter mulher apurando e viajando sozinha. Deixei de investigar algumas pautas pelo desconforto que o assédio masculino, em qualquer nível, me provocava. Adotei, desde o primeiro dia, um “uniforme de apuração”. No calor de 40° de Corumbá, saía de calça jeans, camiseta neutra e tênis. Não me sentia confortável em usar bermuda ou vestidos. Foi extremamente frustrante perceber que, em algumas situações, eu não era percebida como repórter, mas sim como mulher vulnerável ao machismo alheio.

Mas, na maioria das vezes, fui respeitada como profissional, conhecendo fontes que abriam, sem restrições, suas vidas para mim. Nessas ocasiões, relembra das aulas do professor Mauro Silveira nas quais ele comentava da responsabilidade do jornalista no relacionamento com a fonte. Acredito que algumas delas viram em mim uma pessoa para contar seus problemas pessoais. Após a fase de apuração, seguiram me procurando como ouvinte. Kiara ainda me envia mensagens. Na última, me convidou para ser uma das

madrinhas do seu casamento. Tenho problematizado essa dependência. Entendo como algo extremamente delicado saber o que fazer depois que um nível de confiança é estabelecido com o entrevistado.

No processo da escrita, como citado anteriormente, minha maior limitação foi fazer descrições e estruturações cronológicas. Percebi que tenho dificuldade em colocar no papel o que penso. Como estruturar o texto? Qual linguagem usar? Qual informação não colocar? Organizar em uma narrativa um volume grande de informação foi a segunda maior dificuldade do trabalho. Avalio que o texto e a entrevista com o qual mais aprendi foi o do Jeremias. Precisei saber lidar com a frustração e dilemas éticos. Com ele, entendi que, de fato, o maniqueísmo não se aplica aos seres humanos. Nenhuma fonte é boa ou má, correta ou errada.

Organizar meu tempo de forma produtiva também foi, e é, um desafio constante.

Me senti insegura em determinados momentos quanto à minha apuração. Vivendo a fronteira, percebi que as pautas do livro são muito mais complexas do que eu consegui transparecer nas reportagens. Passei a acreditar que nenhuma reportagem ou pesquisa são uma representação fiel e total da realidade. Dessa forma, cuidei para que nenhum dos meus textos tivesse tom conclusivo.

Também considero como aprendizado o tempo que dediquei à diagramação do miolo e capa do livro. Penso que será uma área que estudarei por iniciativa própria daqui para frente.

Acredito que o nível dos trabalhos produzidos no curso de Jornalismo da UFSC gera uma certa expectativa com cada aluno em fase de TCC. Vejo que a competição e comparação entre jornalistas é uma das características nocivas da minha futura profissão. Citamos Talese, Capote, Barcellos, Brum, nos nossos trabalhos e tentamos equiparar nossas produções com as deles. Precisei lembrar, em alguns momentos, que jornalismo é feito por pessoas para pessoas. Como disse um amigo, “Calma. Ninguém espera que você ganhe o Prêmio Esso com esse TCC”.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, Caco. **Abusado**: o dono do morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.
- BOJUNGA, Claudio; PORTELA, Fernando. **Fronteiras**: Viagem ao Brasil desconhecido. São Paulo: Alfa Omega, 1978
- BRASIL. Portaria nº 125, de 21 de março de 2014. Estabelece o conceito de cidades-gêmeas nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ISSN 1677-7042, n. 56, p.45, 21 mar. 2014. Seção I.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Ed., 2006.
- GAERTNER, Livia Galharte. **A comunicação impressa na fronteira Brasil-Bolívia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Corumbá, 2010. Disponível em: <<http://ppgefcpa.sites.ufms.br/files/2016/01/Livia-Galharte-Gaertner.pdf>>. Acesso em: 16 de nov. de 2017.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cheiro de goiaba**: conversas com Plinio Apuleyo Mendoza. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1982.
- GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **Notícia de um sequestro**. Ed. Record, 1996.
- MININI, Giuseppe. : **Psicologia cultural da mídia**. São Paulo: A Girafa, Sescsp, 2008.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- SABATEL, Vania de Oliveira. **Relações entre comunidades rurais na fronteira Brasil-Bolívia**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Corumbá, 2013. Disponível em: <<http://ppgefcpa.sites.ufms.br/files/2016/01/Vania-de-Oliveira-Sabatel.pdf>> Acesso em: 16 de nov. de 2017.
- SEBBEN, Fernando Dall'Onder. **Bolívia**: logística nacional e construção do Estado. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25487/000749341.pdf](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25487/000749341.pdf)> Acesso em: 16 de nov. de 2017.
- TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.